

## ANDRZEJ WAJDA E A PAISAGEM APÓS A BATALHA

Tadeusz Borowski foi uma das revelações da literatura polonesa do pós-guerra. Este jovem escritor, que se suicidou em 1951, descreveu em novelas e contos densos e inquietantes suas terríveis experiências no campo de concentração de Auschwitz. Os crimes nazistas em si não tinham muita importância para Borowski. O que realmente o interessava eram os traços e os traumas que eles deixavam sobre suas vítimas. Segundo a crítica, nenhum romancista polonês conseguiu exprimir com tanto horror as atrocidades do fascismo. Baseando-se em vários livros de Borowski, Andrzej Wajda e Andrzej Brzozowski escreveram o roteiro de *Paisagem após a Batalha*, que representou a Polônia no Festival de Cannes deste ano. O filme, cuja ação se desenrola num campo de refugiados, logo após a Segunda Guerra, permite a Wajda retornar à sua temática central: os problemas poloneses depois da conflagração mundial. Em entrevista a Stanislaw Janicki, da revista "Polônia", o diretor de *Cinzas e Diamantes*, *Lotna* e *Kanal*, explica seus pontos de vista sobre o escritor, sua obra e a adaptação de seus relatos para a tela.

Janicki — Que foi que mais o interessou na prosa de Tadeusz Borowski? Refiro-me especialmente a "A Batalha de Grunwald". O que o levou a adaptar para a tela esse relato?

Wajda — Borowski, embora pouco mais velho que eu, pertencia aos escritores de minha geração: era meu escritor favorito. O roteiro foi escrito com Andrzej Brzozowski, colaborador de Andrzej Munk em *A Passageira*. Foi o terceiro ou o quarto entre os que propusemos (para filmar).

Janicki — Pensou você desde o início ampliar "A Batalha", baseando-se em outros contos de Borowski?



Stanislawa Celinska. Paisagem após a Batalha.

Wajda — Sim. Devido a que o espectador de hoje — e não unicamente os jovens — não saberia onde se passa a ação, nem poderia explicar-se porque os norte-americanos vigiam um campo de concentração. Esta primeira parte, a introdução, a retirei do conto "O Silêncio", no qual os prisioneiros justificam um "kapó" do campo. No entanto, essa introdução não resolvia o problema. Tudo o que acontece em "A Batalha" está condicionado pelo que a gente passou no campo de extermínio.

Surgiu também o problema de esclarecer quem é o protagonista, o que faz e aonde quer ir. À primeira vista nos parece uma raposa, um cínico. Não obstante, sabemos — pois recordamos quem era Borowski e o que verdadeiramente passou — que, na realidade, foi alguém totalmente diferente. Toda a dificuldade estava em encontrar uma expressão fílmica que nos fizesse ver a verdadeira figura do protagonista.

Janicki — Você procurou durante muito tempo o ator adequado ao papel do protagonista?

Wajda — Não o procurei de forma alguma. Desde o começo sabia que Daniel Olbrychski devia interpretá-lo. Não vejo outro ator para o papel.

Janicki — Durante as filmagens, quais foram suas maiores dificuldades?

Wajda — Tive bastante. Desde o princípio dei-me conta de que é o filme mais difícil de todos que realizei até agora. A explicação do tema, a maneira de contar a história claramente. Por muito tempo não sabia como diferenciar os dois campos: o hitleriano e o norte-americano; como mostrar que os quartéis onde viviam ficava perto do antigo campo de concentração. A história do rapaz e da moça era muito fraca.

Janicki — A cena em que os dois se conhecem sofreu muitas mudanças?



Wajda filma o horror dos campos de concentração.

Wajda — Sim. Embora a modificação ficasse igual a idéia anterior. Ele está ajudando a missa, ela desce de um caminhão, pois vinha do campo. Vê que estão celebrando uma missa ao ar livre, atravessa a porta, se aproxima, se ajoelha e comunga. Então se encontram pela primeira vez. Ele — um intelectual de esquerda — ajuda a missa; ela, uma judia, recebe a comunhão, já que é católica. Creio que nisto há algo de irônico, e Borowski ficaria contente com esta cena.

Ademais, esta maneira de narrar é a que mais me agrada. As idéias essenciais devem expressar-se através de situações concretas; nisto consiste o verdadeiro cinema.

Janicki — Acaso você mudou o título de "A Batalha de Grunwald" para *Paisagem Após a Batalha* somente porque o roteiro foi ampliado com outras narrativas.

Wajda — Parece-me que este não somente é um bom título, mas também é a chave do filme. Também poderia chamar-se "Retrato Depois da Batalha", pois na realidade é o retrato de um rapaz e apenas este retrato pode dar vida ao filme, fazê-lo interessante, prender nossa atenção. Durante todo o tempo temia que *Paisagem*... pudesse resultar estético, pouco interessante, modesto. Gostaria que fosse modesto, concentrado. Comparando-o com *Cinzas e Diamantes*, vejo que não há grandes nem brilhantes cenas.

Janicki — Você falou, certa vez, que *Paisagem após a Batalha* teria certa relação com *Cinzas e Diamantes*.

Wajda — Acredito que novamente ressurgirá a discussão sobre a Polónia, a respeito de como deveria ser nosso país. Este tema voltará a ser discutido, pois tudo (depois da guerra) acabava de nascer, tudo se encontrava misturado, imatura. A gente teve que definir-se. Teve de fazer uma escolha.

Os heróis do filme, ao sair do campo de concentração, se defrontaram com

uma realidade já formada: Deus, a Pátria, a missa, os atos públicos. Queria também que *Paisagem*... fosse um filme não apenas sobre os campos de extermínio, mas ainda sobre os efeitos produzidos por estes.

Salvo o drama que se apresenta ante nossos olhos, o que mais me atrai no filme é o protagonista, que quer e tem direito de viver. Em "A Batalha de Grunwald" não há isso; mas, quem sabe, pode ser que nesta denúncia de tudo que o cerca se encontre algo salutar, positivo.

#### REGISTRO



#### BOURVIL

"Bourvil era, antes de tudo, um amigo de todos nós. Tudo nele vinha diretamente do coração, mesmo seu gosto pelo riso, sua vontade de divertir. Mas porque ele era um admirável comediante e um maravilhoso personagem é que permanecerá em nossa memória como aquele ator que sabia passar do riso às lágrimas com tanta sinceridade e virtuosismo."

Esse julgamento do talento e da personalidade de Bourvil foi feito pelo crítico Robert Chazal, ao registrar, no "France Soir", a morte do grande comediante de Tout

*l'Or du Monde* (Todo o Ouro do Mundo), *La Traversée du Paris* (A Travessia de Paris), *La Jument Verte* (A Égua Verde) e *Le Miroir à Deux Faces* (O Espelho de Duas Faces).

Bourvil foi expressão de toda uma tradição popular da arte cômica-interpretativa francesa, ainda hoje inspirada nas técnicas e nos ensinamentos da "comedia dell'arte" italiana. Formava ele, com Fernandel e Louis de Funès, o grande trio dos atores mais populares da França, no domínio da comédia.

Antes de morrer, em 25 de setembro, vitimado por dolorosa enfermidade, havia terminado dois filmes, ambos inéditos entre nós: *Le Cercle Rouge*, de Jean-Pierre Melville, e *La Grande Vadrouille*, de Gérard Oury, ao lado de quem obteve seu maior êxito comercial, em *Le Cerveau*. Seu nome verdadeiro era André Raimbourg. Tinha 53 anos.

Entre seus filmes mais importantes figuram: *Les Misérables*, *Fortunat*, *The Longest Day* (O Mais Longo dos Dias) e *La Cuisine au Berre*. Ganhou o "Grande Prêmio de Interpretação" no Festival de Veneza, de 1956, e duas laureas de melhor ator, na França, em 1958 e 1960 (MRF).

#### EDWARD EVERETT HORTON



A comédia norte-americana perdeu uma de suas maiores figuras com a morte de Edward Everett Horton, em 30 de setembro. Ator de teatro e cinema, era considerado um dos maiores "ladrões de cena" de sua profissão. Iniciou-se no cinema, em uma ponta, em 1918. Tornou-se conhecido do público no filme *Ruggles of Red Gap* (Ele Sabe do Que Eu Gosto), de 1923. Alguns de seus filmes, no silencioso e no sonoro: *Beggar On Horseback* (Epidemia do Jazz), 1925; *Sonny Boy* (idem); *The Sap* (O Covarde), 1929; *Kiss Me Again* (Beija-me Outra Vez); *Smart Money* (As Mulheres Enganam Sempre); *Front Page* (Última Hora); *Age for Love* (A Idade para Amar), 1931; *Design for Living* (Sócios no Amor); *Alice in Wonderland* (Alice no País das Maravilhas), 1933; *Easy to Love* (Fácil de Amar); *The Merry Widow* (A Viúva Alegre); *The Woman in Command*, 1934; *The Devil is a Woman* (Mulher Satânica); *Top Hat* (O Picolino), 1935; *Hearts Divided* (Corações Divididos), 1936; *Lost Horizon* (Horizonte Perdido); *Oh, Doctor!* (Solidão); *Angel* (Anjo); *The Great Garrick* (O Grande Garrick), 1937; *Bluebeard's Eight Wife* (A Oitava Espôsa do Barba Azul), 1938; *Siegfeld Girl* (Este Mundo é um Teatro); *Bachelor Daddy* (Papaizinho Solteirão); *Here Comes Mr. Jordan* (Que Espere o Céu), 1941; *Springtime in the Rockies* (Minha Secretária Brasileira), 1942; *Forever and a Day* (Para Sempre e Um Dia); *Thank You Lucky Stars* (Graças a Minha Boa Estréla), 1943; *Arsenic and Old Lace* (Este Mundo é um Hospício); *Brazil* (Brasil); *Summer Storm* (O Que Matou Por Amor), 1944; *Down to Earth* (Quando os Deuses Amam), 1947; *Pocketful of Miracles* (Dama Por Um Dia), 1961; *It's a Mad, Mad, Mad, Mad, World* (Deu a Louca no Mundo), 1963; *Sex and the Single Girl* (Médica, Bonita e Solteira); *The Perils of Pauline* (Os Perigos de Paulina), 1966 (MES).